

O Brasil e o cenário das novas tecnologias em comunicação

18/08/2005

Andréia Moreira*

Nos dias de hoje, cristaliza-se um cenário desfavorável especialmente para os países cuja dependência externa foi alimentada ao longo dos séculos, como o Brasil. Isto porque diminuem a cada dia as nossas chances reais de reverter o quadro vigente, considerando que as forças produtivas não mais se desenvolvem pragmática e empiricamente, mas são controladas por uma minoria de nações. Nações que detém o poder sobre o conhecimento, sobre a ciência, construindo uma civilização baseada no saber e marcada pela desigualdade no desenvolvimento social.

Alguns dos fatores que mais pesam nesse contexto são justamente aqueles ligados às comunicações. Tanto que, em 1993, o governo norte-americano produziu o documento intitulado "Tecnologia para o crescimento econômico norte-americano: uma nova direção para construir poderio econômico". Nesse texto, sintomaticamente, os Estados Unidos fixaram diretrizes para investimentos e políticas de apoio ao setor de informática e à transmissão digital de informações.

Videodisco, tv a cabo, videotelefone, videotexto, teletexto, sistemas de editoração eletrônica, fibra ótica, técnicas de leitura ótica...são apenas alguns avanços das tecnologias de comunicação cuja utilização acaba gerando muitos outros, como a multiplicação dos softwares, por exemplo. E os reflexos desses avanços são visíveis em todos os campos da atividade e da ação humanas, inclusive na organização institucional da mídia, do mundo do trabalho e das práticas profissionais.

Eticamente, o aluvião informativo e tecnológico tem produzido seres cada vez menos pensantes e mais propensos à atitudes negativas, pois facilita-se crescentemente a possibilidade de manipulação: em texto, foto e vídeo. Torna-se, assim, imperceptível a fronteira entre o real e o virtual e a simulação daquilo que não existe ou que nunca existirá, da forma mais visível e realista possível, hoje, não é apenas plenamente possível como também desejável. Um prazer cada vez menos raro e mais almejado!

Já entramos nos tempos do futuro e a palavra-chave para compreendê-lo parece ser "instantaneidade". Sua garantia é a linguagem binária, dos computadores, que permite uma extraordinária compactação de dados, transmitidos numa velocidade estonteante. E num horizonte próximo, desponta a fusão completa entre a televisão e a informática, com a ampliação do espaço à interatividade. Estamos mergulhados numa revolução multimidiática. (Mesmo se tão freqüentemente estamos apenas na ponta dessa cadeia em franca evolução).

Por fim, toda essa profusão de meios e mensagens acaba gerando públicos diferenciados, o que favorece imensamente a consolidação de sistemas de comunicação voltados para os inúmeros microcosmos, as realidades locais. Entre eles, emergem ou se fortalecem as TVs a cabo, as TVs comunitárias, os canais por assinatura, cujos mercados já estão saturados em muitos países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos.

Daí, a expansão do mercado na direção dos países emergentes como o Brasil em uma progressão tão rápida, que dificulta ou quase impede o controle social do sistema.

Tanto que ele vem sendo crescentemente monopolizado pelos gigantes da comunicação como as organizações Globo, detentora de nada menos que 70% dos canais. E, por aqui, ainda se desenha um sistema de transmissão híbrido, combinando parabólica, cabo e microondas, com tendência a crescer muito mais.

As previsões apontam que a TV interativa será a “bola da vez”. Há quem aposte até numa programação cada vez mais individualizada, o que, sem dúvida, demandará a criação de novos processos de aprendizado e a abertura de novos espaços mentais. Mas será que nós reuniremos, algum dia, as condições de garantir a autoria do que vai circular em tantos canais? Ou estaremos destinados a tão somente reproduzir aquilo que nos é permitido.

Nossa evidente dependência científica e tecnológica reforça as bases da nossa crescente dependência cultural. A preanunciada “Aldeia Global” ou “Civilização Planetária” parece estar definitivamente se formando, ao sabor da pasteurização, da homogeneização, num mosaico, cujo ponto de união será uma economia de mercado cada vez mais forte. Serão previsões pessimistas? Ou teremos ainda algum direito de sonhar com o palco em vez do lugar marcado neste imenso auditório da comunicação global, globo-local ou, simplesmente, “glocal”?

Esperamos que a resposta, mesmo que minimamente, ainda possa depender de nós.

***Andréia Moreira** foi professora do Curso de Comunicação Social da UFPB. Mestre em Comunicação pela UFPE.